

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO**

CILMARA PESSOA DO NASCIMENTO

**CONCEPÇÕES DE AVALIAÇÃO DOS ALUNOS DO CURSO DE PEDAGOGIA, DO
1º E 7º SEMESTRE, DA UFCG, CAMPUS CAJAZEIRAS (PB).**

CAJAZEIRAS-PB

2014

CILMARA PESSOA DO NASCIMENTO

**CONCEPÇÕES DE AVALIAÇÃO DOS ALUNOS DO CURSO DE PEDAGOGIA, DO
1º E 7º SEMESTRE, DA UFCG, CAMPUS CAJAZEIRAS (PB).**

CAJAZEIRAS-PB

2014

CILMARA PESSOA DO NASCIMENTO

**CONCEPÇÕES DE AVALIAÇÃO DOS ALUNOS DO CURSO DE PEDAGOGIA, DO
1º E 7º SEMESTRE, DA UFCG, CAMPUS CAJAZEIRAS (PB).**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande-UFCG, como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª Dra. Geranilde Costa e Silva
(Orientadora)

CAJAZEIRAS-PB

2014

CILMARA PESSOA DO NASCIMENTO

**CONCEPÇÕES DE AVALIAÇÃO DOS ALUNOS DO CURSO DE PEDAGOGIA, DO
1º E 7º SEMESTRE, DA UFCG, CAMPUS CAJAZEIRAS (PB).**

Aprovada em: ____ de ____ 2014

Profª. Draª. Geranilde Costa e Silva (UFCG)
Orientadora

Profª. Me. Nozângela Maria Rolim Dantas (UFCG)
Examinador (1)

Profª. Me. Ane Cristine Hermínio Cunha (UFCG)
Examinador (2)

Profª. Me. Maria Ioneida Ramalho Bueno (UFCG)-
1ª Suplente

CAJAZEIRAS- PB

2014

Dedico este trabalho aos meus pais, pessoas especiais que fizeram a diferença na minha vida e na Formação Acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, nosso criador, pela grande força que me deu nas horas que mais necessitei e por ter me ajudado em todos os momentos difíceis, pois acredito que tudo posso naquele que me fortalece que é Jesus Cristo nosso senhor.

A toda a minha família que sempre me apoiou e por terem me incentivado para que essa formação acadêmica no curso de Pedagogia tenha se tornado possível.

À Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)- Cajazeiras, curso de Pedagogia que me proporcionou adquirir vários saberes efetivando assim a minha prática docente em sala de aula. Tive oportunidade também de conhecer as amigas Elizabeth de Sousa Belém, Lucineia dos Santos, Silvana Rodrigues, Rosário Soares, Márcia Silva, Francimara Dantas, e do curso de História, Sabrina Pereira, da cidade de Santa Cruz. Foi um grande prazer conhecê-las, são simples meigas, com as quais construir laços de amizade.

Agradeço de forma especial a meu amigo Evandy Alves Vieira, que Deus me presenteou com sua amizade, sendo muitas vezes meu porto seguro nos momentos mais difíceis, não tenho nem palavras para expressar o quanto essa amizade foi de extrema relevância para mim.

A minha amiga Erivaneide Alves Vieira que conquistou a todos da minha casa com seu jeito simples e meigo de ser, proporcionando momentos bons no qual falamos sobre as dificuldades que estávamos enfrentando no dia a dia.

A minha orientadora Dra. Geranilde Costa e Silva, parceria que deu certo, uma pessoa maravilhosa e muito simples na sua maneira de ser.

A todos os docentes que contribuíram de forma direta, ou indireta, para o meu desempenho intelectual acadêmico. De forma especial a quatro docentes são eles: Prof. Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes, Prof.^a Dr^a Maria Janete de Lima, a Prof.^aMe. Edinaura Almeida de Araújo e a Prof.^a Dr^a. Maria de Lourdes Campos, por despertar em mim a responsabilidade de um professor no contexto atual da sociedade.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele (FREIRE, 1987).

RESUMO

O presente estudo teve como principal objetivo identificar e analisar as concepções de Avaliação da Aprendizagem, dos alunos do 1º e 7º semestre do curso de Pedagogia da UFCG- Campus de Cajazeiras (PB). Para tanto também me interessei também em saber até que ponto esse modo de pensar, dos estudantes, a Avaliação da Aprendizagem era semelhante, ou não. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que teve como propósito conhecer as crenças, valores, concepções, em fim os sentimentos mais íntimos que esses estudantes portavam sobre o tema da avaliação. O referido trabalho tem a seguinte estrutura: 1- metodologia - apresento as etapas de desenvolvimento desse estudo e os principais autores utilizados sobre o tema em questão; 2- exponho aspectos da minha vida pessoal e escolar que justificam o meu interesse em pesquisar sobre tema da Avaliação da aprendizagem, relacionando-os aos pensamentos de autores como Luckesi (2000), Libâneo (1994) Perini (2006), etc.; 3- cito o pensamento de Jussara Hoffmann (2001, 2005) e outros autores sobre o tema da Avaliação da Aprendizagem, bem como destaco os dispositivos criados pelo Governo Federal, para intervir diretamente no processo educacional da Educação Básica e do Ensino Superior; 4- Apresento o pensamento dos estudantes do 1º e 7º semestre, quanto ao tema da Avaliação da Aprendizagem, e faço as análises dos dados. Por meio desse estudo foi possível evidenciar que os alunos do 1º período compreendem o tema da Avaliação da Aprendizagem como uma ação pedagógica voltada à medição do conhecimento, tendo como principal instrumento aplicação de provas objetivas. Já as docentes do 7º demonstram que têm uma concepção sobre o referido tema a partir de autores estudados dentro do curso de Pedagogia, ou seja, entendem a Avaliação da Aprendizagem como processo mediado pela ação docente.

Palavras-chaves: Avaliação da Aprendizagem; Alunos do curso de Pedagogia; Formação dos Professores.

ABSTRAC

The present qualitative research aims to identify and analyze the conceptions of Learning Assessment of the students enrolled in the first and seventh terms of the Education Course at UFCG, Campus of Cajazeiras – PB, also intending to identify their beliefs, values and ideologies, to check if their thinking on the theme had similarities or not. I present how the work was developed and the main authors who discuss the theme in focus. Second, I expose some personal aspects which justify my interest to develop the research on the assessment of learning based on authors such as Luckesi (2000), Libâneo (1994) and Perini. Third, I quote the thought of Jussara Hoffmann (2001, 2005) and other authors on Learning Assessment. In this chapter I also highlight the devices by the Federal Government to intervene directly in the educational process in the Basic and Higher Education. Forth, I present the analyses and what the subjects of the research think of Learning Assessment. This study revealed that the students enrolled in the first term of the Education Course at UFCG, Campus of Cajazeiras – PB, consider the Learning Assessment as being a pedagogical action directed to the measurement of knowledge, having the objective test as the main instrument to get it. On the other hand, for the students of the seventh term, based on the authors studied during the course, the Learning Assessment is a process mediated by the teaching action.

Keywords: Learning Assessment; Students of the Education Course; Teaching Formation.

LISTA DE SIGLAS

ENEM-Exame Nacional do Ensino Médio.

ENADE-Exame Nacional de Desempenho de Estudantes.

IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.

MEC- Ministério da Educação e Cultura.

PVS- Pré-Vestibular Solidário.

PB- Paraíba.

UFCG- Universidade Federal de Campina Grande.

SUMÁRIO

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1- METODOLOGIA DA PESQUISA	14
2- MINHA TRAJETÓRIA ESCOLAR E A RELAÇÃO COM A TEMÁTICA DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM.....	15
2.1 - Aproximações com a Docência.....	18
2.2 - Escolha do Tema.....	22
3- AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO AMBIENTE ESCOLAR.....	24
3.1 - Instrumentos de Avaliação Criados pelo Ministério da Educação.....	34
4 - ANÁLISES DOS DADOS.....	34
4.1. -Das temáticas tratadas.....	34
4.1.1 - Conceito de Avaliação e da sua utilidade.....	34
4.1.2 – Experiências positivas e negativas quanto à Avaliação.....	36
4.1.3 - Quanto ao modo de ser feita a avaliação e dos instrumentos conhecidos.....	37
5-CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	
Anexos -Apêndice	

INTRODUÇÃO

Luckesi (2000) compreende a Avaliação da seguinte maneira:

A avaliação da aprendizagem escolar se faz presente na vida de todos nós que, de alguma forma, estamos comprometidos com atos e práticas educativas. Pais, educadores, educandos, gestores das atividades educativas públicas e particulares, administradores da educação, todos, estamos comprometidos com esse fenômeno que cada vez mais ocupa espaço em nossas preocupações educativas (LUCKESI, 2000, p. 01).

Nesse sentido, a avaliação está presente no nosso cotidiano escolar e é de extrema relevância esses elementos acima citados por Luckesi (2000). No entanto, a família e escola, devem andar juntas em prol de uma aprendizagem significativa dos estudantes, mas para isso acontecer essas instituições precisaria ir contra o sistema avaliativo criado pelo Governo Federal, tais como a Prova Brasil, Provinha Brasil, dentre outros.

Ao momento que o educador planeja sua aula deve pensar que metodologia utilizar para avaliar seu aluno. Nesse sentido deve observar o desempenho dos estudantes durante a realização das atividades levando em consideração a aprendizagem, no sentido de valorizar as suas experiências vivenciadas, sua opinião, sobre qualquer assunto debatido em sala de aula.

Durante a minha vida estudantil me deparei com alguns professores que só aceitavam as respostas estava colocados livros, levando o estudante a ser avaliado dessa forma, desconsiderando a opinião do aluno. No entanto, o educador tem o papel de contribuir para com a formação do educando, e assim pesquisar a cerca dos conhecimentos, além do que é estudado no espaço escolar.

Esse trabalho foi estruturado em cinco capítulos. No primeiro capítulo, mostro como se deu a metodologia do estudo, local em que foi desenvolvido, a quantidade e o público participante da pesquisa. Em anexo apresento o modelo do termo de consentimento livre esclarecido assinado pelos sujeitos desse estudo.

No segundo capítulo, trago a minha trajetória escolar e a relação com a temática aqui pesquisada, exponho algumas dificuldades enfrentadas na escola, os tipos de avaliações que os professores utilizavam como forma de ameaçar os educandos.

O terceiro capítulo, está dividido em dois sub-tópicos, o primeiro evidencia a compreensão de Hoffmann (2001, 2005) e outros autores que tratam da Avaliação da Aprendizagem no curso de Pedagogia. Apresento também os instrumentos de avaliação criados pelo Ministério de Educação (MEC), dentre eles, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), Prova Brasil, Provinha Brasil, Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE) e Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

No quarto capítulo faço as análises dos dados obtidos junto aos alunos (1º e 7º semestre) do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, Campus Cajazeiras (PB) acerca do tema da avaliação.

Por fim, exponho as conclusões finais acerca do tema pesquisado, destacando as dificuldades enfrentadas e também os aprendizados para a realização deste trabalho.

1. METODOLOGIA DA PESQUISA

Uma vez que tive por objetivo investigar sobre as concepções de Avaliação de Aprendizagem dos alunos do curso de Pedagogia, do 1º e 7º semestre, da UFCG, e também verificar até que ponto estas se diferenciavam, é que busquei desenvolver uma pesquisa qualitativa, voltada a conhecer o pensamento desse grupo acerca da referida temática. Nesse sentido, me interessei em conhecer suas crenças, valores, concepções, enfim os sentimentos mais íntimos que estes portavam sobre o tema da Avaliação da Aprendizagem.

Na pesquisa qualitativa, o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e objeto de suas pesquisas. O desenvolvimento da pesquisa é imprevisível. O conhecimento do pesquisado é parcial e limitado. A pesquisa qualitativa preocupa-se, por tanto, com aspectos da realidade que não pode ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais (SILVEIRA & CÓDOVA, 2009, p.32).

Para tanto a escolha do referido tema se deu a partir de experiências pessoais e escolares vividas. Daí que busquei investigar algo que estava diretamente ligado a minha história de vida, portanto, “a pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, como vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo aprimoramento de ideias ou descobertas de intuições” (GIL, 2009, p.41).

Para conseguir me aproximar das concepções do público alvo dessa pesquisa elaborei um questionário em que estes pudessem expressar que entendimentos tinham sobre a Avaliação da Aprendizagem, para que serve a Avaliação, experiências pessoais positivas e negativas acerca do referido e quais os instrumentos que eles conheciam para avaliar o desempenho escolar de seus alunos.

Essa pesquisa teve como participantes (03) três alunos do 1º período e (02) dois do 7º. Essa escolha se deu por ter conhecimento que os alunos do 1º período ainda não tinham curso a disciplina Avaliação da Aprendizagem, diferentemente dos discentes do 7º semestre.

Para finalizar é importante dizer que construí o referencial teórico desse estudo a partir das ideias de Luckesi (2000), Hoffmann (2001, 2005) e Perini (2006) e Libâneo (1994).

2. MINHA TRAJETÓRIA ESCOLAR E A RELAÇÃO COM A TEMÁTICA DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Lembro-me do tempo de criança vivenciado no Sítio Serrote do Quati, pertence ao município de Cachoeira dos Índios (PB). Uma infância com muita dificuldade, isso porque eu morava longe da cidade sem acesso à escola, posto de saúde, meios de transportes e saneamento básico, etc.

Sou filha de pais agricultores que só estudaram junto ao antigo Mobral¹, eles diziam que o saber era o bem maior que poderiam deixar de herança e aos filhos, por isso sempre se preocuparam em garantir a nossa escolarização. Meus pais queriam ver os quatro filhos com formação em nível superior, mas, infelizmente, até o momento apenas eu consegui trilhar esse caminho, e assim, realizar esse desejo.

Quando minha família saiu do Serrote do Quati, em 1990, fomos morar em Cachoeira da Vaca, também na Paraíba, e eu não tinha como ir à escola por não ter transporte como, por exemplo, carroça ou bicicleta. No ano de 1992 passamos a residir na cidade de Cachoeira dos Índios (PB), diante dessas mudanças de moradia só comecei minha estudação aos dez (10) anos de idade na Escola Municipal de 1º Grau Maria Cândido de Oliveira. Hoje essa instituição de ensino tem o nome de Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Maria Cândido de Oliveira. Passei logo a cursar a 1ª série, o que me trouxe problemas, pois não tinha sido alfabetizada, e assim deixava as tarefas por fazer e, como consequência, fui reprovada, o que me levou a temer os processos de avaliação da aprendizagem promovidos pela escola. Os Parâmetros Curriculares do Ensino Fundamental relatam sobre a repetência no contexto escolar.

Estudos indicam que a repetência constitui um dos problemas do quadro educacional do País, uma vez que os alunos passam, em média, 5 anos na escola antes de se evadirem ou levam cerca de 11,2 anos para concluir as oito séries de escolaridade obrigatória. No entanto, a grande maioria da população estudantil acaba desistindo da escola, desestimulada em razão das altas taxas de repetência e pressionada por fatores socioeconômicos que obrigam boa parte dos alunos ao trabalho precoce (BRASIL 1997, p.19).

¹ O Mobral foi o Movimento Brasileiro de Alfabetização, que iniciou suas atividades nesse mesmo ano, embora tenha sido criado em 1967 (Lei nº5.379, de 15.12.67). Propunha-se o Movimento realizar a alfabetização funcional e a semi-profissionalização de adolescentes e adultos erradicando assim o analfabetismo integrando o alfabetizado na força do trabalho. LOPES (1985, p.60).

Nessa época a escola desenvolvia o processo de avaliação unicamente por meio da aplicação de provas utilizando questionários, ou seja, perguntas e respostas. De modo que os alunos tinham que decorar as perguntas e as respectivas respostas, assim a escola não trabalhava com metodologias que pudessem desenvolver a compreensão dos conteúdos estudados por meio de jogos, músicas ou brincadeiras. Reafirmando esse pensamento Gonçalves (2010) afirma que:

Este sistema de avaliação é imposto aos alunos desde o ensino fundamental as séries iniciais, a preocupação está sempre pautada no que se “aprendeu” não como se aprendeu, muitas vezes, o que o aluno traz de conhecimento não tem relevância alguma. Este sistema de promoção do aluno inicia-se no ensino fundamental, mas, o processo avaliativo do aluno, muitas vezes, já não é considerado desde a educação infantil, que nos mostra a disparidade que existe no ato de avaliar (GONÇALVES, 2010, p.13).

Nesse sentido, havia um desprezo pelas metodologias de ensino que concebiam a aprendizagem como algo que envolve todo o corpo do atendente, e não apenas a mente. Reafirmando esse pensamento sobre a importância do brincar e do movimento corporal para o processo de ensino e de aprendizagem, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil afirma que:

A brincadeira é uma linguagem infantil que mantém um vínculo essencial com aquilo que é o “não - brincar”. Se a brincadeira é uma ação que ocorre no plano da imaginação isto implica que aquele que brinca tenha o domínio da linguagem simbólica (BRASIL, 1998, p.27).

Já em 1997, cursando o 5º ano do ensino fundamental I, fiquei reprovada, isso porque tive muitas dificuldades na matéria de matemática, ou seja, não consegui entender os conteúdos. Outro elemento que favoreceu para que tivesse dificuldades foi o fato de passar a ter um professor para cada disciplina, algo que estranhei bastante. No ano seguinte tive que repetir o 5º ano, agora com outro professor de matemática que buscava aproximar ao máximo o conteúdo de nossas vivências. Desse modo, passei a tirar notas boas e fui aprovada na referida disciplina e também nessa etapa escolar. Segundo MELLO (2000), é na universidade

que o educando, enquanto futuro docente, tem a oportunidade de adquirir conhecimentos metodológicos para ensinar os conteúdos para as crianças de maneira diversificada, nesse sentido ele afirma que:

A localização institucional das licenciaturas na estrutura do ensino superior, e particularmente das universidades, cria um divórcio entre a aquisição de conhecimentos nas áreas de conteúdos substantivos e a constituição de competências para ensinar esses conteúdos a crianças, adolescentes ou adultos com atraso escolar (MELLO, 2000, p.100).

Confesso que durante toda minha vida escolar sempre sofri quando o assunto era a avaliação. Sentia que os professores usavam as provas ou as avaliações como uma forma de ameaçar, ou mesmo, punir os alunos, e principalmente àqueles que faziam bagunça no momento das aulas. Sobre o tema da avaliação Luckesi (2005) diz:

Os professores utilizam as provas como instrumentos de ameaças e tortura prévia dos alunos, protestando ser um elemento motivador da aprendizagem. Quando o professor sente que seu trabalho não está surtindo o efeito esperado, anuncia aos alunos: Estudem! Caso contrário, vocês poderão se dar mal no dia da prova (LUCKESI, 2005, p.18).

Importante dizer que sempre fui uma criança tímida, por isso quando não conseguia compreender um assunto, não me sentia à vontade para pedir ajuda aos colegas e nem aos professores. Tal situação me levou a tirar notas baixas em muitas das avaliações a que fui submetida.

No ano de 2004 concluí o ensino médio, e por 03 (três) anos consecutivos prestei o vestibular não conseguindo êxito. Posteriormente, nos anos de 2006 e 2007 fiz um cursinho Pré-Vestibular oferecido pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), nomeado de Pré-Vestibular Solidário² (PVS), uma ação voltada para pessoas com baixa renda, em que as aulas eram ministradas pelos próprios alunos da Universidade. Esse cursinho foi muito importante para mim, principalmente quanto às aulas de redação e literatura, pois eram explicadas de forma muito simples e que mostravam quais os erros mais cometidos pelos alunos na prova do vestibular e ainda auxiliava os discentes na produção de redações.

² Uma ação ainda existente na UFCG, no campus de Cajazeiras (PB).

Fui aprovada no vestibular da UFCG do ano de 2007, junto ao curso de Pedagogia, com ingresso previsto para o 2º semestre de 2008.2. Escolha da qual me orgulho até hoje, uma vez que só tem feito com que eu amplie meus conhecimentos e tem me capacitado para estarem sala de aula.

2.1 – Aproximações com a Docência

Tinha consciência de que o universo que envolvia os conhecimentos e os saberes voltados à formação docente do profissional da educação estava se iniciando em agosto de 2008, e seria o meu primeiro período junto ao curso de Pedagogia.

Um mundo novo estava à minha frente... Pronto para ser explorado, mas como vivenciar plenamente as aulas se a timidez me bloqueava... Quase nem falava em sala... Só ouvia as explicações dos professores sobre filosofia, sociologia, psicologia, etc.. No entanto, muitas ideias que eles explicavam *era grego* e mais uma vez passo a me preocupar acerca do processo de avaliação, ou seja, como seriam as avaliações dentro de um curso superior, no caso o da Pedagogia. Tal situação me deixava aflita, pois estava diante de mestres e doutores da área da educação. Esse momento foi difícil porque agora as avaliações não mais me exigiam que eu memorizasse os conteúdos dos livros, mas tinham que, além disso, me expressar, ou seja, dizer o que eu pensava e entendia sobre as ideias dos autores, de forma escrita e também oralmente junto aos demais colegas do curso.

Para minha felicidade alguns professores do curso de Pedagogia tiveram paciência com todos da sala, isso porque compreenderam que havíamos passado por uma educação básica não voltada para a construção de cidadãos críticos. Na verdade, todos nós precisávamos dessa compreensão para conseguir pouco a pouco desenvolver nossas habilidades, de pensar e expressar pensamentos, dentro do contexto acadêmico.

Passado esse primeiro momento havia chegado a hora de apresentar o meu 1º seminário em sala de aula, que se tratava de conteúdos da disciplina de História da Educação. Recordo-me que estava nervosa, na verdade, sentia meu corpo todo tremer. Felizmente, o professor ao perceber o meu estado de tensão disse que eu deveria relaxar e que ele não me avaliaria com critérios tão rígidos, isso porque eu estava apenas no 1º semestre. Logo após essa apresentação o referido docente deu ao grupo 05 (cinco) dicas de como deveríamos nos comportar para apresentar outros seminários, uma vez que teríamos tantos outros em nossa vida acadêmica.

Mas infelizmente também tivemos docentes que nos amedrontavam, pois constantemente nos advertiam que deveríamos estudar, pois seríamos submetidos a avaliações difíceis, chegavam mesmo a dizer que iriam *pegar pesado* com a turma. Nos dois primeiros períodos da graduação tive muitas dificuldades com relação ao processo de avaliação, cheguei mesmo a fazer provas finais junto às disciplinas de filosofia e de sociologia, sendo aprovada em ambas. No entanto, cheguei a ficar reprovada em uma disciplina.

A minha turma era muito boa, tenho lembrança de bons momentos vivenciados com os colegas, lembro-me de todos eles, mas durante o curso construí amizades especiais com pessoas de minha cidade, mas que moravam em Cajazeiras, como é o caso de Elizabeth de Sousa Belém e Lucineia dos Santos, com estas tenho muitas afinidades e sei que são amizades verdadeira, ambas abriram a porta de suas casas e me acolheram muito bem, acredito que essa amizade vai além desse curso... Quem sabe até mesmo junto a um mestrado.

O primeiro momento em que tive oportunidade de exercer a docência foi no estágio junto à educação infantil, era a minha primeira vez em sala de aula. Foi um momento de muita dificuldade, pois me vi diante de crianças, que não eram acostumadas com a minha presença, e nem com as demais colegas do grupo. Creio que às vezes ignoramos o fato de que as crianças necessitam de tempo para se adaptarem com pessoas estranhas em seus espaços. A intervenção em sala de aula me proporcionou refletir sobre o meu futuro como educadora, e assim, buscar ter mais cuidado e atenção com esse processo de aproximação aluno e professor.

Avalio que o estágio é o momento de por em prática o que estudamos e aprendemos nas disciplinas, assim o meu papel era como mediadora juntos aos alunos, ou seja, favorecer suas aprendizagens. Perini (2006) ao se reportar ao estágio diz:

Assim, acredito que o estágio é um meio pelo qual a identidade profissional do aluno, futuro professor, é também gerada, construída e referida, assim como o próprio campo da prática, *locus* de sua implementação. A prática de ensino volta-se para o desenvolvimento de uma ação vivenciada, refletida, crítica e, por isso, deve ser planejada gradativa e sistematicamente. Por isso, compreende-se que o estágio, constitui-se como elemento básico no desenvolvimento profissional dos professores (2006, p.15).

Nessa perspectiva o estágio supervisionado nos anos iniciais foi uma experiência muito importante para minha formação docente, desde o momento da observação em sala de aula, proporcionando uma reflexão sobre várias situações que acontecem no contexto escolar da educação infantil e fundamental I, envolvendo a inclusão de forma mascarada que ainda encontramos na sociedade. Nesse sentido, destaco um dos momentos vividos no momento do estágio nos anos iniciais, em que uma das crianças, segundo a avaliação da docente, tinha dificuldades para reconhecer letras, cores e números. No entanto, durante o momento de nossa intervenção pedagógica (grupo de estagiárias) tivemos oportunidade de oferecer ao referido aluno uma atenção individualizada e logo percebemos que ele se sentia inseguro pela impossibilidade de copiar as atividades colocadas no quadro, algo que era imposto pela docente, sob a alegação de que ele não sabia fazer tal reprodução.

A professora da sala nos relatou que a referida criança tinha epilepsia ou doença mental e tomava remédio controlado, mas não chegou a afirmar se esta possuía laudo médico.

No momento da intervenção procuramos elaborar atividades lúdicas de maneira que proporcionasse à turma uma aprendizagem significativa e o grupo ainda pudessem interagir. Reafirmando a questão da inclusão no ambiente escolar, Mantoan (2006) traz a discussão sobre o que é realmente incluir o aluno com necessidades educacionais especiais na escola.

A igualdade de oportunidades é perversa, quando garante o acesso, por exemplo, à escola comum de pessoas com alguma deficiência de nascimento ou de pessoas que não têm a mesma possibilidade das demais, por problemas alheios aos seus esforços, de passar pelo processo educacional em toda a sua extensão (2006, p.20).

A igualdade nesse caso tem o significado de aceitar a criança como ela é, dando espaço para ela mostrar do que é capaz de fazer e respeitando-a como ser humano. A escola enfatiza no seu discurso que a educação é para todos, mas vale lembrar que a inclusão de crianças com necessidades especiais nos estabelecimento de ensino torna-se, na verdade, uma exclusão, pois para aceitar um aluno com alguma deficiência devemos entender que o mesmo precisa de uma atenção diferenciada de modo a não isolá-lo da turma.

Uma criança com necessidades educacionais especiais precisa sim estar na escola, mas de modo a ser integrado no ambiente escolar, ou seja, deve ser respeitado. Uma das obrigações do educador em sala de aula é proporcionar alternativas para incluir esses alunos

nas as atividades aplicadas, de forma que o mesmo possa interagir com os demais alunos, sentindo-se assim valorizado.

No ano de 2012 participei do processo seletivo para escolha de monitores junto à disciplina de Didática, tive a segunda melhor classificação, mas como tinha apenas uma vaga, fui chamada apenas no semestre (2012.2) para assumir tal cargo. Avalio que foi uma experiência maravilhosa, pois contribuiu de forma significativa para a ampliação dos meus conhecimentos relacionados à referida disciplina, isso porque o monitor favorece uma mediação de estudos entre alunos e professor da turma. Frente a tal situação, ampliam-se as possibilidades de aprendizagens de conteúdos, favorecendo a aquisição de conhecimentos e auxilia o alcance de um trabalho exitoso. De acordo com a Resolução Nº 26/2007 (p.25) Conselho Universitário Câmara Superior de Ensino diz que a monitoria consiste em:

Art. 107. O Programa de Monitoria destina-se a alunos regularmente matriculados nos cursos de graduação da UFCG.

Art. 108. São objetivos do Programa de Monitoria:

I – possibilitar o estabelecimento de novas metodologias e experiências pedagógicas;

II – promover a cooperação acadêmica entre discentes e docentes;

III – criar condições de aprofundamento teórico-metodológico e o desenvolvimento de habilidades relacionadas à atividade docente;

IV – propiciar ao aluno de graduação a possibilidade de otimizar seu potencial didático-pedagógico e acadêmico.

Art. 109. O Parágrafo único. O monitor exercerá suas atividades em regime de 12 (doze) horas semanais, sem qualquer vínculo empregatício com a Universidade, sob a orientação de um professor.

Em 2013 submeti-me mais uma vez para o cargo de monitoria, agora junto à disciplina de Fundamentos Metodológicos do Ensino de História. Importante ressaltar que a professora da referida disciplina decidiu desenvolver um trabalho coletivo com a docente de Fundamentos Metodológicos do Ensino de Geografia, tal experiência foi para mim muito importante.

No caso dessa monitoria de História, essa me permitiu ter uma nova postura, uma vez que passei a perceber a relação entre esta e a disciplina de Geografia, de modo que entendi acerca da importância de se estudar sobre o nosso lugar de pertencimento, as questões territoriais e paisagens, entender como ocorreram os fatos históricos em cada região pesquisada e investigada pelos educandos.

Por meio dessa experiência pude observar que a professora desenvolvia uma metodologia que envolvia discussões de textos e debates acerca de pesquisas pertinentes às referidas disciplinas, de modo a levar o grupo a se aproximar de referenciais teóricos diversos. Já quanto ao processo de avaliação, esse ocorreu de forma processual, assim a professora levava em consideração cada realidade vivenciada pelos educandos, bem como as dificuldades relatadas pelos mesmos para coleta de dados que foi desenvolvida junto aos professores de História e Geografia, e que serviu de base para a efetivação de oficinas. Para afirmar toda essa compreensão em torno da monitoria Libâneo (1994, p.16) diz que:

O trabalho docente é a parte integrante do processo educativo mais global pelo o qual os membros da sociedade são preparados para a participação na vida social. A educação – ou seja, a prática educativa – é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária à existência e funcionamento de todos da sociedade (LIBÂNEO, 1994, p.16).

Considero ser de extrema relevância a monitoria, pois é nesse momento que o educando tem a oportunidade de beber da fonte do saber, que cada docente proporciona ao educando nas reuniões os debates sobre temas da atualidade que tem a ver com a educação no contexto escolar.

2.2-Escolha do Tema

A partir dessas experiências vividas junto ao curso de Pedagogia é que tive oportunidade de rever o modo como eu concebia o tema da avaliação da aprendizagem. Se antes, eu percebia a avaliação como um processo de tormento em meramente se obter notas boas por meio de provas que me aprovasse no final do ano. Hoje compreendo que a avaliação é um processo preocupado com a aprendizagem significativa do aluno, de modo que esse perceba a relação entre os conteúdos que estuda o seu cotidiano. Não quero dizer com isso que o aluno não deva ser submetido a provas objetivas, mas que estas devem ser pensadas no sentido de valorizar o que o aluno estudou em sala de aula.

Importante dizer que para construir meu objeto de pesquisa tratei de valorizar minhas experiências tanto do tempo de escola, como também enquanto aluna do curso de Pedagogia, dessa forma compreendo que buscamos sempre desenvolver estudos que estão de

sobremaneira relacionados às nossas histórias de vida, mas que nem sempre são expostas ou percebidas como uma questão ética para a produção de um estudo científico.

Comumente, ao expormos os motivos que nos encaminham para uma determinada temática, justificamo-lo a partir de questões amplas e gerais e, assim, ocultamos nossas mais íntimas motivações políticas e pessoais. Deixamos, portanto, de explicitar de maneira aquilo que buscamos investigar penetra o nosso cotidiano, a nossa vida, o nosso ser. Creio se necessário explicar em que momento uma referida temática ganha relevância em nosso dia-a-dia ou, ainda, revelar de qual forma aquilo que estudamos está configurado em nossas histórias de vida, afinal, não nos motivamos a estudar qualquer temática, qualquer assunto (SILVA, G., 2013, p. 69).

Desse modo, partindo das experiências anteriormente expostas acerca do lugar que o tema da avaliação ocupou em minha vida estudantil, e ainda ocupa, agora enquanto futura professora, é que tive por interesse desenvolver uma pesquisa científica interessada em identificar/analisar as concepções dos alunos do curso de Pedagogia, 1º e do 7º semestre, acerca do tema da avaliação da aprendizagem.

Nesse sentido, essa pesquisa tem como objetivo geral:

- Identificar/analisar as concepções de Avaliação da Aprendizagem os alunos do curso de Pedagogia, do 1º e 7º semestre, da UFCG.

Já os objetivos específicos são:

Verificar até que ponto essas concepções de Avaliação da Aprendizagem, dos alunos do 1º e do 7º período, elas se diferenciam entre si.

3. AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO AMBIENTE ESCOLAR

Hoffmann (2005, p.21) trata da Avaliação da Aprendizagem, dizendo que está é constituída de tempos: “O tempo de admiração é um olhar primeiro. Cada olhar se transforma em muitos olhares. Não se conhece verdadeiramente o aluno em uma semana de aula, em um mês, em um ano”. O processo avaliativo, para Hoffmann (2005), só acontece com a avaliação mediadora entre professor e aluno. Para que aconteça essa avaliação mediadora devem ser observados três tempos: tempo da admiração, da reflexão e da reconstrução das práticas avaliativas.

O educador quando utiliza desses três tempos para avaliar seus educandos está favorecendo uma troca de experiência entre ambos, essa nova maneira proporciona ao educando atividades desafiadoras que façam os alunos refletirem.

Admirar na avaliação mediadora seria buscar um olhar mais voltado para essa subjetividade, está ligada à maneira que você interpreta um olhar que seja na ação, o momento que está acontecendo. Quer dizer que esse primeiro olhar vai sendo ampliado com o passar do tempo, com base na investigação, o educador necessitaria conhecer antes, qual seria a sua nova turma, e assim, desenvolver esse processo de admiração.

A autora também nos mostra que o professor antes mesmo de começar o ano letivo deveria ter informações sobre sua próxima turma, a partir do momento que o educador está reunido com os outros professores trocando informações sobre as turmas, essa conversa impessoal em que o assunto em questão é os alunos ali está sendo praticado o tempo da admiração.

Nesse momento o professor está conhecendo a turma de forma abstrata, as informações ali faladas podem ser verdadeiras, ou não, com relação ao comportamento dos educandos no processo de evolução de aprendizagem na qual vai envolver o contexto social que esse aluno se encontra.

O tempo de reflexão é referente ao conjunto de ideias, sentimentos e possibilidades de ações futuras que afloram quando o professor pára e pensa sobre como os alunos estão se manifestando em relação às tarefas e situações de aprendizagem propostas [...] (HOFFMANN, 2005, p.45).

O momento da reflexão acontece quando o professor reflete sobre sua prática pedagógica em sala de aula, a ação quando é refletida envolve também a avaliação da aprendizagem desse aluno, assim Hoffmann (2001) diz que:

Em relação à aprendizagem, uma avaliação à serviço da ação não tem por objetivo a verificação e o registro de dados do desempenho escolar, mas a observação permanente das manifestações de aprendizagem para proceder a uma ação educativa que otimize os percursos individuais (HOFFMANN 2001, p.17).

Nesse sentido, a avaliação deve ser compreendida como um momento no qual o aluno está começando a demonstrar o seu desenvolvimento de suas habilidades, essa reflexão proporciona ao educador um momento de repensar sua prática de modo que seja o educador mediador para que a aprendizagem aconteça de maneira que valorize as produções individuais desses educandos por meio da pesquisa.

Hoffmann (2001) evidencia como é relevante o avaliar para promover de forma mais ampla a reflexão do educador na prática docente sendo exercida no contexto escolar, afirmar:

Avaliar para promover significa, assim, compreender a finalidade dessa prática a serviço da aprendizagem, da melhoria da ação pedagógica, visando à promoção moral e intelectual dos alunos. O professor assume o papel de investigador, de esclarecedor, de organizador de experiências significativas de aprendizagem. Seu compromisso é o de agir refletidamente, criando e recriando alternativas pedagógicas adequadas a partir da melhor observação e conhecimento de cada um dos alunos, sem perder a observação do conjunto e promovendo sempre ações interativas (HOFFMANN 2001, p.18).

Essa prática docente deve ter seu foco principal na reflexão com relação a tudo que é aplicado em sala de aula, por sua vez, o educador precisa não só refletir sua prática em si, mas é necessário que haja a reflexão do docente envolvendo avaliação no cotidiano escolar, desenvolvendo a mediação junto aos educandos, favorecendo a descoberta de novos conhecimentos por meio da pesquisa, pois o educador deve dar oportunidade para os alunos irem a campo investigar algum tema ligado ao conteúdo que está sendo desenvolvido, ou não em sala de aula.

Para Hoffmann (2001) a avaliação mediadora se desenvolve assim:

A avaliação mediadora é uma ação sistemática e intuitiva. Ela se constitui no cotidiano da sala de aula, intuitivamente, sem deixar de ser planejada, sistematizada. Nem todas as situações de sala de aula ou tarefas realizadas pelo aluno têm por objetivo a verificação de suas aprendizagens, podendo absorver diferentes dimensões avaliativas. O que define tal dimensão são as intenções do educador ao propor a tarefa, bem como sua forma de proceder frente ao que nela observa (HOFFMANN, 2001, p.45).

A ação mediadora acontece no cotidiano escolar, mas o educador deve sim fazer seu planejamento, pois é algo imprescindível para estar em sala de aula, no momento da sua construção o professor vai traçar objetivos para que seus educandos possam atingir e apreender com aqueles conteúdos. Nesse sentido, a reconstrução do conhecimento no ambiente escolar está em constante transformação, faz-se necessário a construção de uma ação que envolva um diálogo entre escola, família, professores e alunos.

Os docentes trabalhando em conjunto em prol de um planejamento é algo que compreendermos como flexível na qual as atividades postas vão proporcionar as descobertas de habilidades e troca de experiência entre professor e aluno. No entanto, às vezes esse plano de aula não é tão flexível assim, isso porque, tem que seguir as regras do sistema escolar. Mas por outro lado, o educador tenta fugir um pouco dessas normas para ter autonomia em sala de aula. Para Charlot (2000) aprender algo tem um significado bem mais amplo quando relacionamos a aprendizagem do aluno na escola a sua vida pessoal.

Assim, ao aprender algo, o sujeito aprendiz vive as etapas cíclicas e evolutivas de mobilização do seu desejo ou necessidade de aprender, envolvendo-se em experiências educativas e construindo e expressando sentidos sobre as aprendizagens construídas (CHARLOT, 2000 apud HOFFMANN, 2005, p.53).

O professor no ambiente escolar precisa ser esse mediador de novos conhecimentos para que os alunos na escola, e fora dela, estejam vivenciando experiências, pois estão se mobilizando tendo assim uma reflexão sobre a aprendizagem. O aluno em sala de aula pode expressar suas habilidades por meio de alguma linguagem artística como, por exemplo:

pintura, desenho e gestos, dessa forma os educandos demonstram de forma livre que aprenderam.

A reflexão não é só refletir o agora, mas uma reflexão continua dessa prática pedagógica que envolve o educador. Por isso, o que aprendemos hoje será transformado amanhã, isto é, sempre está acontecendo várias mudanças em nossa volta, envolvendo aprendizagem, seja ela qual for. A concepção da prática docente é algo sempre a ser pensado e repensado de acordo com Silva (2010) diz que:

A prática docente por ser entendida como inacabada, uma vez que deve ser tomada como objeto de investigação, de indagação, para tanto exigindo do professor uma postura reflexiva. Assim, a sala de aula é o laboratório dos que ensinam e dos que aprendem. A prática pedagógica, ao ser objeto de pesquisa e de reflexão, torna-se práxis transformadora de si mesma e do meio que a circunda (SILVA, 2010, p.12).

O ato de refletir e repensar sobre essa prática do educador que faz parte da avaliação na escola, essa reflexão faz com que se tenha um aperfeiçoamento, procurando uma nova concepção de ensino. A didática propõe uma reflexão sobre os tipos de metodologia que vão ser utilizadas em sala de aula de modo que auxilie os alunos a compreender determinado assunto e a postura que o educador assume perante sua prática docente na sociedade.

A educação está em constante processo de construção do conhecimento e a sociedade saber que a mesma necessita de mudanças em torno das questões avaliativas, ou seja, a maneira como o educador avalia seus educandos para uma melhor apropriação dos saberes. Nesse sentido, Fernandes (2010, p.98) nos diz: “Uma mudança na avaliação dos processos de aprendizagem exige uma concepção de aluno como um ser crítico, criativo e participativo, com autonomia e capacidade de tomar decisões” [...].

Mas como isso vai acontecer se na hora de elaborar uma avaliação os professores valorizam muito mais que os alunos sabem as respostas que os livros portam sobre os diversos assuntos? Dessa forma, o docente nega ao aluno a oportunidade desenvolver o senso crítico e a autonomia frente ao que é tratado em sala de aula. Logo, o professor precisa quebrar as regras impostas pelo sistema escolar fazendo com que seus alunos comecem a refletir e a ser crítico. Para Charlot (2000) em toda essa produção de educação cada um de nós temos nossa parcela de contribuição para que aconteça na sociedade, afirmado que:

A educação é uma produção de si por si mesmo, mas essa auto produção só é possível pela mediação do outro e com sua ajuda. [...] A educação é impossível se a criança não encontra no mundo o que lhe permite construir-se (CHARLOT, 2000, 54 apud HOFMANN, 2001, p.72).

A mediação só acontece entre professor e aluno porque o educador compreende sua prática docente refletida na ação da práxis, vendo o educando como fonte de ampliação do conhecimento, não mais como mero receptor dos conteúdos em sala de aula. Os educandos agora produzem sua própria história favorecendo experiência mais significativa para ambos (alunos e docente) no processo de ensino e aprendizagem.

Já no entendimento de Santos (2005) ao tratar da Avaliação da Aprendizagem nos diz que o processo de avaliação acontece em três etapas, que são: avaliação formativa, diagnóstica e somativa. Logo abaixo essas etapas são dispostas.

Sobre a **avaliação formativa**, o referido autor explica: “Sua função é verificar se os objetivos estabelecidos para aprendizagem foram atingidos. Seu propósito fundamental é verificar se o aluno está conseguindo dominar gradativamente os objetivos” (SANTOS, 2005, p. 23). Esse tipo de avaliação acontece durante todo ano letivo, momento em que o educador tem a oportunidade de verificar os objetivos postos no plano de aula, tendo assim, condições de aprimorá-los e redirecioná-los. Criando novos desafios nas atividades para conseguir que nesse processo de ensino e aprendizagem os discentes consigam desenvolver competências e habilidades.

A **avaliação diagnóstica** serve para que o professor consiga “[...] detectar o que cada aluno aprendeu ao longo dos períodos anteriores, especificando sua bagagem cognitiva, para auxiliar o professor a determinar quais conhecimentos e habilidades” [...] (SANTOS, 2005, p.24). Essa se caracteriza como uma sondagem realizada pelo educador no início do ano letivo para saber como está a aprendizagem dos alunos, se já reconhece a letra inicial de seu nome, se consegue ler e escrever, etc. Assim, o educador verifica nessa avaliação suas dificuldades/habilidades para serem revisadas ou desenvolvidas em novos conteúdos que vão acontecer no decorrer do ano.

Já a **avaliação som ativa**, está “[...] é realizada no sistema escolar seriado, em que o aluno é promovido de uma série para outra ou de um curso para outro de acordo com o aproveitamento alcançado nos componentes curriculares estudados” (SANTOS, 2005, p.25). É uma avaliação de forma classificatória de acordo com o desempenho nas atividades aplicadas em sala de aula pelo educador durante o ano inteiro para ser aprovado ou reprovado e que se remete ao rendimento escolar. É de extrema relevância que o educador desenvolva um papel de mediador do conhecimento para favorecer um ensino e aprendizagem de forma significativa para os educandos na sua vida estudantil.

Ainda que seja de grande importância o pensamento de Hoffmann (2001, 2005), e outros autores como Luckesi (2000), Perini (2006) e Libâneo (1994) sobre o tema da Avaliação da Aprendizagem dentro do curso de Pedagogia, bem como da Educação estes não foram (nem são) levados em consideração pelo MEC, uma vez que este tratou de criar dispositivos avaliativos alheios a essas idéias.

Logo abaixo apresento os instrumentos criados pelo Ministério da Educação para promover a avaliação do sistema educacional brasileiro.

3.1- Instrumentos de Avaliação criados pelo Ministério da Educação

Ao longo dos anos o Governo Federal por meio do Ministério da Educação tem cada vez mais feito intervenção nos procedimentos de avaliação do sistema de educação. Logo abaixo apresento algumas desses mecanismos criados:

A) Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) - criado em 2007, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inês), formulado para medir a qualidade do aprendizado nacional e estabelecer metas para a melhoria do ensino (BRASIL/MEC, 2014).

A criação do IDEB, segundo o MEC serve de indicador para monitorar a educação para que se tenha uma educação de qualidade para toda a sociedade, no contexto em que a escola tem de realizar um censo anual para saber das taxas de aprovação, reprovação e evasão. O IDEB é uma forma de medir como está a educação brasileira e assim poderão ser lançadas metas às escolas, para que estas melhorem cada vez mais a educação. O MEC afirma que o IDEB serve para que:

Com o Edir, ampliam-se as possibilidades de mobilização da sociedade em favor da educação, uma vez que o índice é comparável nacionalmente e expressa em valores os resultados mais importantes da educação: aprendizagem e fluxo (BRASIL/ MEC, 2014).

B) Prova Brasil

A Prova Brasil e o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Sabe) são avaliações para diagnóstico, em larga escala, desenvolvidas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inês/MEC). Têm o objetivo de avaliar a qualidade do ensino oferecido pelo sistema educacional brasileiro a partir de testes padronizados e questionários socioeconômicos (BRASIL/MEC, 2014).

A prova Brasil é aplicada junto às turmas de 4º ano do ensino fundamental I e no 8º ano do ensino fundamental II, os estudantes respondem questões de língua portuguesa e matemática.

C) Provinha Brasil

A Avaliação da Alfabetização Infantil – Provinha Brasil é uma avaliação diagnóstica que visa investigar o desenvolvimento das habilidades relativas à alfabetização e ao letramento em Língua Portuguesa e Matemática, desenvolvidas pelas crianças matriculadas no 2º ano do ensino fundamental das escolas públicas brasileiras. Aplicada duas vezes ao ano (no início e no final), a avaliação é dirigida aos alunos que passaram por, pelo menos, um ano escolar dedicado ao processo de alfabetização. A aplicação em períodos distintos possibilita a realização de um diagnóstico mais preciso que permite conhecer o que foi agregado na aprendizagem das crianças, em termos de habilidades de leitura e de matemática (BRASIL/MEC, 2014).

Essa prova busca mostrar como a criança se desenvolveu durante o ano letivo, qual foi o grau de aprendizagem com relação aos conteúdos estudados e os estímulos que o educador

utilizou para desenvolver suas habilidades de leituras e escrita. Assim, destaco a portaria do MEC afirmando tais metas:

A Portaria Nº 867, de 4 de julho de 2012, instituiu o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC com a proposta de assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ao final do 3º ano do ensino fundamental, conforme uma das metas previstas pelo Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação, utiliza a Provinha Brasil como meio de aferir os resultados (BRASIL/MEC, 2014).

Na verdade a meta de ter todas as crianças, até oito de idade alfabetizada, é algo ainda muito difícil de ser cumprida, em uma vez que dados estáticos evidenciam que ainda termos crianças no 5º ano que ainda não saber ler nem escrever corretamente.

D)ENEM

O Ministério da Educação apresentou uma proposta de reformulação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e sua utilização como forma de seleção unificada nos processos seletivos das universidades públicas federais (BRASIL/MEC, 2014).

O Exame Nacional do Ensino Médio é a porta para ingressar no Ensino Superior, tendo os seguintes critérios de avaliação:

- I. Dominar linguagens (DL): dominar a norma culta da Língua Portuguesa e fazer uso das linguagens matemática, artística e científica e das línguas espanhola e inglesa.
- II. Compreender fenômenos (CF): construir e aplicar conceitos das várias áreas do conhecimento para a compreensão de fenômenos naturais, de processos histórico-geográficos, da produção tecnológica e das manifestações artísticas.
- III. Enfrentar situações-problema (SP): selecionar, organizar, relacionar, interpretar dados e informações representados de diferentes formas, para tomar decisões e enfrentar situações-problema.
- IV. Construir argumentação (CA): relacionar informações, representadas em diferentes formas, e conhecimentos disponíveis em situações concretas, para construir argumentação consistente.
- V. Elaborar propostas (EP): recorrer aos conhecimentos desenvolvidos na escola para elaboração de propostas de intervenção solidária na realidade, respeitando os valores humanos e considerando a diversidade sociocultural (BRASIL/ MEC, 2014).

E) ENADE

O Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Idade) avalia o rendimento dos alunos dos cursos de graduação, ingressantes e concluintes, em relação aos conteúdos programáticos dos cursos em que estão matriculados. O exame é obrigatório para os alunos selecionados e condição indispensável para a emissão do histórico escolar. A primeira aplicação ocorreu em 2004 e a periodicidade máxima da avaliação é trienal para cada área do conhecimento (BRASIL/MEC, 2014).

É uma prova realizada nas universidades que abrange todos os cursos, os alunos que estão concluindo o Ensino Superior, sendo esta obrigatória para obtenção do diploma. Segundo o portal do INEP, o ENADE tem por objetivo:

[...] avaliar o desempenho dos estudantes com relação aos conteúdos programáticos previstos nas diretrizes curriculares dos cursos de graduação, o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias ao aprofundamento da formação geral e profissional, e o nível de atualização dos estudantes com relação à realidade brasileira e mundial, integrando o Sinais, juntamente com a avaliação institucional e a avaliação dos cursos de graduação (BRASIL/ INEP, 2014).

A sua realização acontece geralmente junto às turmas que já concluíram 25% da carga horária bem como aquelas estão na fase de conclusão do curso.

O Governo Federal é enfático em afirmar que todos esses dispositivos de Avaliação da Aprendizagem tem por objetivo maior melhorar a aprendizagens dos educandos na escola, no entanto, merece que seja realmente pensado sobre sua verdadeira finalidade.

Na verdade as políticas públicas governamentais com relação a esses instrumentos são perfeitos nas suas idéias, mas na prática isso não acontece, pois essa avaliação é feita no início e final do ano, o que inviabiliza o acompanhamento das etapas da aprendizagem total da criança.

Nesse sentido, Viera e Dantas fazem uma critica sobre esses instrumentos como principalmente a Prova Brasil afirmando que:

Notamos que a política gestada ainda não conseguiu penetrar de forma concreta e em seu sentido planejado no interior das escolas de baixo EDIR. Ao que parece, estas não identificam o sentido pelo qual o programa foi pensado quilômetros de distância, assim, quando chegam adquirem uma nova configuração para seu uso. Já as de alto EDIR sentem a importância dos indicadores de resultados na rotina escolar, bem como sua influência positiva no trabalho pedagógico (VIERA e DANTAS, 2012, p.11).

Todos esses instrumentos criados pelo MEC inclusive o EDIR vem comprovar uma valorização maior das escolas com maior índice de rendimento, expondo na mídia e dando destaque para mostrar que esse meio de avaliar os alunos está correto, e de certa forma desprezando as escolas com EDIR baixo. Nesse sentido, creio que o MEC deveria desenvolver estratégias para tentar ajudar essas escolas que apresentam IDEB abaixo da média estabelecida.

4- ANÁLISES DOS DADOS

O presente capítulo tem como objetivo apresentar e analisar os dados obtidos, por meio da aplicação de questionário, sobre o tema da avaliação. Instrumental esse que foi aplicado junto a três alunas, do 1º e duas do 7º período, do curso de Pedagogia, respectivamente. Os participantes dessa pesquisa foram todos do sexo feminino com faixa etária entre 19 e 27 anos. Importante explicar que três participantes do 7º semestre, se prontificaram em participar desse estudo, no entanto apenas duas alunas devolveram o material na data determinada.

Logo abaixo apresento as questões que foram lançadas às participantes acerca do tema da avaliação:

- *Qual a sua concepção sobre a Avaliação?*

- *Para que serve a Avaliação?*

- *Cite uma experiência positiva que você teve acerca da Avaliação da Aprendizagem?*

- *Cite uma experiência negativa que você teve acerca da Avaliação da Aprendizagem?*

- *Como deve ser feita a Avaliação?*

- *Quais tipos de instrumentos você conhece que são utilizados para avaliação o desempenho escolar?*

4.1.- Das temáticas tratadas

4.1.1 - Conceito de Avaliação e da sua utilidade.

Ao iniciar a leitura das respostas dadas pelos entrevistados logo percebi que havia semelhanças entre as falas das estudantes do 1º semestre, entre si, bem como entre as das alunas do 7º. Isso na verdade me ajudou a dar início às análises dos dados, agrupando as respostas pelo mesmo grupo de alunos/semestre.

Ao analisar as falas das discentes do 1º período foi possível perceber uma semelhança quanto ao modo de pensar o tema da Avaliação. Quando estas expõem suas concepções acerca do conceito de Avaliação, elas de um modo geral afirmam que Avaliar está diretamente ligado a ideia de medir, testar e verificar conhecimentos.

Na teoria, avaliar é testar conhecimento, no entanto, não será em uma prova que irá demonstrar o que foi aprendido, pois muitos alunos, ao estudar para avaliação, tentam “decorar” o assunto. Mas existem alguns tipos de avaliação que não segue a linha do “decorar”, e isso ajuda muito. (Aluna A - 1º p.).

Avaliação é um método pelo qual o professor avalia o grau de conhecimento do aluno, e saber o nível de assimilação, se foi bom, regular ou ruim. (Aluna B - 1º p.)

Avaliação é uma forma de medir o conhecimento e o aprendizado sobre um tema que vai ser tratado. (Aluna C - 1º p.).

Por sua vez, ao analisar a concepção dos estudantes do 7º período quanto a essa questão é possível perceber que suas concepções se diferenciam das alunas do 1º p.

Para mim a avaliação se faz presente em todos os sentidos da nossa vida, tanto no âmbito escolar, família, no trabalho e na vida social, pois a cada momento estamos sendo avaliado sobre nossos atos na sociedade e isso requer domínio e perfeição em tudo que fazemos. (Aluna D - 7º p).

Avaliação é um processo que acontece para que o professor tenha uma noção dos conteúdos assimilados pelos alunos, ou seja, saber se eles entenderam os conteúdos. (Aluna E - 7º P).

Por sua vez, Luckesi nos mostra que avaliação é:

Ato de avaliar não é um ato impositivo, mas sim dialógico, amoroso e construtivo. (...) avaliar a aprendizagem escolar implica em estar disponível para acolher nossos educandos no estado em que estejam de sua formação, para, a partir daí, poder auxiliá-los em sua trajetória de estudos e de vida (LUCKESI, 2005 apud FRIEDRICH & MORAIS, 2007, p.15).

Ao observar as fala das alunas do 1º período percebe-se uma visão tendo como foco principal a idéia de “medir”, todavia avalio isso como algo natural, uma vez que se trata de estudantes que são recém ingressos no curso de Pedagogia, e que esse modo de conceber a Avaliação, reflete de um modo geral, as experiências que estes discentes tiveram em suas vidas escolares, em especial àquela vivenciada a bem pouco tempo, como é o caso, por exemplo, do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), e que lhes garantiu uma vaga na universidade.

Demo (2002) destaca bem essa visão sobre Avaliar afirmando que: “[...] Avaliar é sempre classificar, mas podemos encontrar razões pedagógicas e éticas para proceder desse modo, em particular para garantir tanto melhor a aprendizagem do aluno [...]” (DEMO, 2002, p.17).

Essa idéia da avaliação como sinônimo de medição de conteúdo é também evidenciada quantas esses estudantes do 1º período são indagados quanto à utilidade da avaliação, pois dizem:

A avaliação serve como uma “medida” para saber o nível de aprendizagem dos discentes ao conteúdo que foi abordado em sala de aula (Aluna A – 1º p.).

A avaliação serve como uma “medida” para saber o nível de aprendizagem dos discentes ao conteúdo que foi abordado em sala de aula (Aluna B – 1º p.).

Para medir a aprendizagem sobre o tema colocado na aula (Aluna C – 1º p.)

E compreensível que as alunas do 1º período do curso de Pedagogia tenham ainda essa visão que a avaliação se refere a medir e testar o conhecimento dos educandos, mas com o passar do tempo e dos períodos essa visão pode vir a se modificada, ou ser alterada, mediante os diálogos, leituras e debates em sala de aula os quais poderão proporcionar outra maneira de pensar essa temática.

4.1.2 – Experiências positivas e negativas quanto à Avaliação

Os alunos do 1º período, ao serem questionados sobre uma experiência positiva quanto a essa temática trazem as seguintes revelações:

Uma experiência muito positiva foi quando uma ótima professora fez uma avaliação de aprendizagem de um modo diferente, mais dinâmica. A avaliação foi uma forma de produção textual, na qual colocamos apenas aquilo que conseguimos assimilar, nada mais que isso. Ajudou muito, pois não precisamos decorar nada, e apenas afirmamos o que aprendemos. (Aluna A – 1º p.).

Esse mesmo sentimento é percebido na fala da estudante B1º semestre quando esta relata:

Uma experiência positiva que tive foi quando percebi que havia compreendido todo o conteúdo visto em sala, tendo como consequência um bom rendimento escolar, e principalmente quando as questões eram pessoais, sem que fosse preciso decorar o assunto, me sentia muito mais à vontade para expressar o que eu havia aprendido e consequentemente a nota era na maioria das vezes mais vantajosa. (Aluna B – 1º p.).

Já o aluno C do 1º período disse apenas que uma experiência positiva quanto à avaliação se dá quando se obtém uma nota boa nas atividades.

Pode-se melhorar a aprendizagem a partir da nota recebida. (Aluno C – 1º p.)

Percebe-se, no entanto, que os alunos dos 1º período, ainda concebem a Avaliação ao ato de medir ou de testar conhecimentos (no sentido de aplicar instrumentos que se preocupem apenas em classificar o aprendizado, ou não, dos alunos por meio de uma nota) estas já tiveram oportunidade de serem avaliadas de forma diferenciada, ou seja, puderam evidenciar livremente o que tinham aprendido sobre um determinado conteúdo. Esse modo diferenciado de avaliar o aprendizado dos estudantes, como aqui foi citado, por meio de produções textuais, evidencia que não se deve limitar a avaliação às verificações pontuais, com dia e hora marcada, as chamadas provas. Nesse sentido, concordamos com o posicionamento de Libâneo (1994), quando este diz:

A avaliação do rendimento escolar deve centrar-se no entendimento de que as capacidades se expressam no processo da atividade do aluno em situações didáticas. Por essa razão, é insuficiente restringir as verificações a provas no final de bimestre (LIBÂNEO, 1994, p.202).

É possível afirmar que esse modo de compreender a Avaliação está de acordo com o determina Luckesi (1998).

Por meio dos instrumentos de avaliação da aprendizagem, estamos solicitando ao educando que manifeste a sua intimidade (seu modo aprender, sua aprendizagem, sua capacidade de raciocinar, de poetizar, de criar estórias, seu modo de entender e de viver, etc.) (LUCKESI, 1998, p. 177 apud GALDINO 2007 p.39).

4.1.3 - Quanto ao modo de ser feita à avaliação e dos instrumentos conhecidos

Quando questionadas sobre os modos como podem ser feita a avaliação e dos instrumentos que elas conhecem respondem:

Uma avaliação não deve ser uma cobrança, mas sim, uma atividade que ajude a firmar o conhecimento obtido. Os instrumentos utilizados para avaliar, por mim conhecidos são: seminários, exercícios, atividades extraclases e a prova. (Aluna A - 1ºp.).

A avaliação deve ser feita de uma maneira mais dinâmica em que o aluno pudesse assimilar aquele conteúdo de uma forma mais “natural” e não tão forçado como acontece na maioria das vezes. Como também deveria ser trabalhado com um pouco mais de atenção a questão da oralidade e usá-la como um item para avaliar o conhecimento de um aluno, hoje ainda é pouco usado esse método, por isso, acredito que seria uma forma bem diferente de proceder com uma avaliação. Os métodos utilizados nas escolas são: prova, trabalho, seminário, (sendo este o mais eficiente em minha opinião). (Aluna B - 1º p.).

De forma clara e objetiva para facilitar a exposição de idéias. Provas, trabalhos e exercícios de verificação. (Aluna C - 1º p.).

Na fala da aluna A do 1º semestre, ela diz: Uma avaliação não deve ser uma cobrança, mas sim, uma atividade que ajude a firmar o conhecimento obtido... Está de acordo com o pensamento de Luckesi (2000), como à avaliação.

A avaliação da aprendizagem não é e não pode continuar sendo a tirana da prática educativa, que ameaça e submete a todos. Chega de confundir avaliação da aprendizagem com exames. A avaliação da aprendizagem, por ser avaliação, é amorosa, inclusiva, dinâmica e construtiva, diversa dos exames, que não são amorosos, são excludentes, não são construtivos, mas classificatórios. A avaliação inclui, traz para dentro; os exames selecionam, excluem, marginalizam (LUCKESI, 2000, p.1).

A avaliação não pode ser só concebida como uma ameaça e cobrança a todo tempo, mas de outro modo sabemos que avaliação é altamente classificatória.

Para Luckesi (2000) é necessário pensar esses instrumentos, isso porque:

[...] Podemos utilizar um instrumento de avaliação junto aos nossos educandos, simplesmente, como um recurso de coletar dados sobre suas condutas aprendidas ou podemos utilizar esse mesmo instrumento como recurso de disciplinamento externo e aversivo, através da ameaça da reprovação, da geração do estado de medo, da submissão, e outros. Afinal, aplicamos os instrumentos com disposição de acolhimento ou de recusa dos nossos educandos? Ao aplicarmos os instrumentos de avaliação, criamos um clima leve entre nossos educandos ou pesado e ameaçador? Aplicar instrumentos de avaliação exige muitos cuidados para que não distorçam a realidade, desde que nossos educandos são seres humanos e, nessa condição, estão submetidos às múltiplas variáveis intervenientes em nossas experiências de vida (LUCKESI, 2000, p.05).

Esses instrumentos da forma como são utilizados proporcionam ao educador ter outras maneiras para avaliar seus educandos em sala de aula, mas também deixa o aluno com medo sobre qual vai ser a nota que vai obter nesses trabalhos, surgiu então o possível receio de ser reprovado no final do ano letivo. De modo que a Avaliação deve ser realizada de forma com que valorize a aprendizagem e as experiências desse aluno durante sua vida letiva. Mas, na realidade Avaliação se tornar mais classificatória do que nunca, provocando um temor enorme sobre a prova ou qualquer seja qual for à forma de instrumento que o professor utilize para avaliar os educandos, que dentro da nossa realidade esses instrumentos citados pelas alunas do 1º período são os que comumente são utilizados pelo professor em sala de aula.

Já as alunas do 7º período entendem o processo de Avaliação desta seguinte forma:

Podemos avaliar de forma contínua comportamento, a maneira como se organiza o jeito de falar e de agir de cada indivíduo. Vários instrumentos de avaliação são provas, trabalhos e o desempenho dentro do ambiente escolar (Aluna D – 7º p.).

Avaliação deve ser feita de modo contínua e levando em consideração se alguma criança tem deficiência na aprendizagem, e sempre dizem quais os critérios que irá conter a avaliação. Existem vários instrumentos para avaliar o desempenho escolar, com por exemplos: a mais conhecida é a famosa prova, mas existem oficinas pedagógicas, seminários, atividades descritivas, debates, sobre assuntos da atualidade, confecções com matérias recicláveis e vários outros (Aluna E – 7º p.).

Na verdade, a idéia apresentada pelas alunas acima está de acordo com o entendimento que Piquete (1997) tem da Avaliação, pois este diz:

A avaliação é um processo contínuo que visa interpretar os conhecimentos habilidades e atitudes dos alunos, tendo em vista mudanças esperadas no comportamento, propostas nos objetivos, a fim de que haja condições de decidir sobre alternativas do planejamento do trabalho do professor e da escola como um todo (PILETTI, 1997, p.190 apud GALDINO 2007, p.04).

Nesse sentido a Avaliação está a todo o momento na nossa vida escolar, desde o instante em que iniciamos a nossa vida, adentrando em nosso cotidiano escolar, e alcançando nossa vida em sociedade. De modo estamos sendo avaliados constantemente, por isso, não

deveria ser algo que tivéssemos medo de vivenciar, mas historicamente a Avaliação se constituiu como algo associado à idéia de punição.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desse trabalho pude analisar as concepções de avaliação dos alunos do curso de Pedagogia, do 1º e 7º semestre, campus Cajazeiras, da UFCG. O modo como foi construído esse trabalho foi muito gratificante, uma vez que parti da minha experiência de vida, do tempo de escola e de vivências na universidade, no tocante ao tema da Avaliação da Aprendizagem.

Desta forma, alcancei os objetivos propostos acerca do tema investigado. Por meio dos dados analisados, foi possível evidenciar, que as alunas do 1º período, concebem a Avaliação, uma ação voltada a medir e testar o conhecimento. Esse modo de perceber a Avaliação da Aprendizagem vem revelar que estas alunas, estão, de certa forma, impregnadas ao modo como vivenciaram, o tema em questão, na escola. Importante ressaltar que estas aluna há bem pouco tempo foram submetidas ao Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), para conseguirem uma vaga junto à Universidade. Nesse sentido, a Avaliação da Aprendizagem é caracterizada como um processo em que a aprendizagem é evidenciada por meio de um valor numérico.

Já as alunas do 7º semestre revelaram compreender a Avaliação da Aprendizagem como algo prazeroso, no qual o educador vai desenvolver seu papel de mediador, proporcionando ao educando uma aprendizagem significativa. Essa forma de pensar das referidas alunas revelou também o quanto estas já aderiram às idéias veiculadas/estudadas do curso de Pedagogia, que busca valorizar e tornar seus discentes sujeitos críticos e reflexivos de sua prática docente.

Avalio que esse estudo científico venha a ser de extrema relevância para o curso de Pedagogia, uma das licenciaturas responsável pela formação de professores, pois revela o modo de pensar das estudantes, tanto do 1º, bem como do 7º, acerca do tema da Avaliação da Aprendizagem, e assim poder oferecer subsídios para a condução/orientação da disciplina de Avaliação da Aprendizagem, no sentido de melhor conduzir a proposta curricular dessa graduação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais /Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

CONSELHO, Universitário. Disponível em:
www.ufcg.edu.br/~costa/resolucoes/res_16262007.pdf. Acesso: 18/06/2014.

CHARLOT, Bernard (org.). **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

DEMO, Pedro. Metodologias da avaliação: de como ignorar, em vez de enfrentar problemas. **Avaliar é classificar**. 2ªed. 2002

DANTAS, Larissa Martins. VIEIRA, Sofia Ler Che. **Política Educacional no Chão da Escola: o Reflexo de Programas Externos em Quatro Escolas Cearenses. 3. Gestão Escolar, Práticas Educativas e Currículo da Educação Básica**. Ano, 2012. Disponível em:
www.anpae.org.br/...38/Larissa%20martins%20Dantas_ent_GT3.pdf. Acesso: 29/06/2014.

Exame Nacional de Desempenho de Estudantes. Disponível em:
www.portal.inep.gov.br/enade. Acesso: 10/07/2014.

FERNANDES, Claudia de Oliveira. **Avaliação escolar: Diálogo com professores**. In: HOFFMANN, Jussara. ESTEBAN. Maria Teresa. (horas.) Práticas avaliativas e aprendizagens significativas: em diferentes áreas do currículo. Porto Alegre: Mediação, 2010.

FRIEDRICH, Márcia. MORAIS, Ruth Longuinho de. **Pesquisa sobre a avaliação da aprendizagem escolar**. 2007. Disponível em:
www.ceped.ueg.br/anais/lledipe/pdfs/pesquisa_sobre_a_avaliacao.pdf. 17/08/2014.

GONÇALVES, Andréia. **Os desafios da avaliação da aprendizagem nas séries iniciais do ensino fundamental**. 2010. Disponível em:
www.uel.br/ceca/pedagogia/pajés/.../ANDREIA%20Goncalves.PDT. Acesso: 10/07/2014.

GALDINO, Janete Virgílio Freire. **Avaliação no processo ensino- aprendizagem no ensino médio na modalidade EJA**. 2007. Disponível em: portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/tcc_avaliacao.pdf. Acesso: 28/07/2014.

GIL, Antonio Carlos, 1946- **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. – 4ed.- 12 reimpr.- São Paulo: Atlas, 2009.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover: as setas do caminho**. – Porto Alegre: Mediação, 2001.

____ **O jogo do Contrário em Avaliação**. – Porto Alegre: Mediação, 2005.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem?** Disponível Pátio On-line Pátio. Porto alegre: ARTMED. Ano 3, n. 12 fev./abr. 2000.

____ **Avaliação da aprendizagem escolar**. 17ed. São Paulo: Cortez, 2005.

LIBÂNEO, José Carlos. **A Avaliação Escolar**. In: **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão Escolar: Pontos e Contrapontos**. PRIETO Rosângela Gavioli; ARANTES, Valéria Amorim. Organizadora. – São Paulo: Summus, 2006. -(pontos e contrapontos).

Ministério da Educação. MEC Disponível em: portal. Mec.gov.br.10/07/2014.

MELLO, Guiomar Namó de. **Formação inicial de professores para a educação básica uma (re)visão radical**. 2000. Disponível em: www.scielo.br/pdf/spp/v14n1/9807.pdf. Acesso: 21/06/2014.

PERINI, Edla Yara Priess. **O papel do estágio curricular supervisionado na formação inicial de professores: um olhar crítico dos egressos e professores do curso de pedagogia**. 2006.

Disponível em: www.6.univali.br/tede/tde_busca/arquivos/pdf?codArquivos=245. Acesso: 20/06/2014.

SILVA, Geranilde C. e. **Pretagogia: construindo um referencial teórico-metodológico de base africana, para a formação de professores/as**. Tese (Doutorado em Educ Brasileira) – Faculdade de Educação – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

SILVA, Janssen Felipe da. **Avaliação do ensino e da aprendizagem numa perspectiva formativa reguladora**. In: HOFFMANN, Jussara. ESTEBAN, Maria Teresa. (orgs.) **Práticas avaliativas e aprendizagens significativas: em diferentes áreas do currículo**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

SILVEIRA, D; CORDOVA, F. **A pesquisa científica**. In: GERHARDT, T., SILVEIRA, D., (orgs.), Métodos de Pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SANTOS, Clóvis Roberto dos. **Avaliação educacional: análises conceitual, legal e crítica**. In: Avaliação Educacional: um olhar reflexivo sobre a sua prática. São Paulo: A ver camp, 2005.

ANEXO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa intitulada de _____

sob a responsabilidade do (a) pesquisador (a) _____ para desenvolver uma pesquisa na
instituição _____ da cidade de _____

Sua participação é voluntária. Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa não existem. Se você aceitar participar, estará contribuindo para o processo educativo de seu filho/a.

Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador no endereço UAE campus Cajazeiras, pelo telefone (83). 35322088, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/HUAC, na Rua Dr. Carlos Chagas, s/n, São José. Campina Grande - PB, telefone (83) 2101-5545.

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

_____, ____/____/____

Assinatura do participante

Impressão do dedo polegar - Caso não saiba assinar

Assinatura do Pesquisador Responsável

APÊNDICES

APÊNDICES

ALUNA A – 1º PERÍODO

1- Qual a sua concepção sobre a avaliação?

Na teoria, avaliar é testar conhecimento, no entanto, não será em uma prova que irá demonstrar o que foi aprendido, pois muitos alunos, ao estudar para avaliação, tentam “decorar” o assunto. Mas existem alguns tipos de avaliação que não segue a linha do “decorar”, e isso ajuda muito.

2- Para que serve a avaliação?

A avaliação serve como uma “medida” para saber o nível de aprendizagem dos discentes ao conteúdo que foi abordado em sala de aula.

3- Cite uma experiência pessoal positiva acerca da avaliação?

Uma experiência muito positiva foi quando uma ótima professora fez uma avaliação de aprendizagem de um modo diferente, mais dinâmica. A avaliação foi uma forma de produção textual, na qual colocamos apenas aquilo que conseguimos assimilar, nada mais que isso. Ajudou muito, pois não precisamos decorar nada, e apenas afirmamos o que aprendemos.

4- Cite uma experiência pessoal negativa acerca da avaliação?

Uma experiência negativa foi quando estudei muito para uma Avaliação, no entanto o professor pediu algumas coisas que não havia passado para a turma, ou seja, exigiu muito. E isso fez com que toda a turma ficasse reprovada.

5- Como deve ser feita a avaliação? Quais os tipos de instrumentos você conhece que são utilizados para avaliar o desempenho escolar?

Uma avaliação não deve ser uma cobrança, mas sim, uma atividade que ajude a firmar o conhecimento obtido. Os instrumentos utilizados por avaliar, por mim conhecidos são: seminários, exercícios, atividades extraclasse e a prova.

ALUNA B – 1º PERÍODO

1- Qual a sua concepção sobre a avaliação?

Avaliação é um método pelo qual o professor avalia o grau de conhecimento do aluno, e saber o nível de assimilação, se foi bom, regular ou ruim.

2- Para que serve a avaliação?

A avaliação serve como uma “medida” para saber o nível de aprendizagem dos discentes ao conteúdo que foi abordado em sala de aula.

3- Cite uma experiência pessoal positiva acerca da avaliação?

Uma experiência positiva que tive foi quando percebi que havia compreendido todo o conteúdo visto em sala, tendo como consequência um bom rendimento escolar, e principalmente quando as questões eram pessoais, sem que fosse preciso decorar o assunto, me sentia muito mais à vontade para expressar o que eu havia aprendido e conseqüentemente a nota era, na maioria das vezes, mais vantajosa.

4- Cite uma experiência pessoal negativa acerca da avaliação?

Uma experiência negativa que tive em relação à avaliação foi em ocasiões que alguns alunos copiavam a resposta de outros, que realmente tinham estudado e em muitos casos tiravam nota melhor do que os outros que haviam se esforçado, e isso causa uma grande revolta entre os alunos, os incentivando a “reproduzir cópias”. Como também em casos em que alguns dos Professores das Ciências humanas, (Geografia, História), praticamente nos obrigavam a transcrever na prova tal qual estava no livro, não nos proporcionando nenhuma chance para expressarmos nossa opinião sobre aquele conteúdo e caso esquecesse alguma frase ou até mesmo uma palavra, do que estava no livro, anulava toda a resposta, mesmo estando correta. E isso tem uma grande influência na vida acadêmica do aluno, que já vem acostumado com um “sistema reprodutivo” agora passamos à prática “um sistema de construção”.

5- Como deve ser feita a avaliação? Quais os tipos de instrumentos você conhece que são utilizados para avaliar o desempenho escolar?

A avaliação deve ser feita de uma maneira mais dinâmica em que o aluno pudesse assimilar aquele conteúdo de uma forma mais “natural” e não tão forçado como acontece na maioria das vezes. Como também deveria ser trabalhado com um pouco mais de atenção a questão da oralidade e usá-la como um item para avaliar o conhecimento de um aluno, hoje ainda é pouco usado esse método, por isso, acredito que seria uma forma bem diferente de proceder com uma avaliação. Os métodos utilizados nas escolas são: prova trabalho, seminário, (sendo este o mais eficiente em minha opinião).

ALUNA C – 1º PERÍODO

1- Qual a sua concepção sobre a avaliação?

Avaliação é uma forma de medir o conhecimento e o aprendizado sobre um tema que vai ser tratado.

2- Para que serve a avaliação?

Para medir a aprendizagem sobre o tema colocado na aula.

3- Cite uma experiência pessoal positiva acerca da avaliação?

Pode-se melhorar a aprendizagem a partir da nota recebida.

4- Cite uma experiência pessoal negativa acerca da avaliação?

Podemos ser reprovados pela falta de exposição do conteúdo na avaliação.

5- Como deve ser feita a avaliação? Quais os tipos de instrumentos você conhece que são utilizados para avaliar o desempenho escolar?

De forma clara e objetiva para facilitar a exposição de ideias. Provas, trabalhos e exercícios de verificação.

4.1.2 - AS CONCEPÇÕES DAS ALUNAS DE PEDAGOGIA SOBRE AVALIAÇÃO

7º PERÍODO

ALUNA D – 7º PERÍODO

1- Qual a sua concepção sobre a avaliação?

Para mim a avaliação se faz presente em todos os sentidos da nossa vida, tanto no âmbito escolar, família, no trabalho e na vida social, pois a cada momento estamos sendo avaliados sobre nossos atos na sociedade e isso requer domínio e perfeição em tudo que fazemos.

2- Para que serve a avaliação?

Avaliar é um recurso que é usado constantemente na nossa vida, como também serve para decidirmos determinados assuntos e como podemos resolver, pois isso acontece no âmbito escolar, familiar e na sociedade em geral.

3- Cite uma experiência pessoal positiva acerca da avaliação?

A avaliação sempre é um meio de medir os conhecimentos. No entanto uma experiência positiva é quando fiz o meu primeiro concurso e passei, pois a avaliação é um método de medir conhecimentos.

4- Cite uma experiência pessoal negativa acerca da avaliação?

Não tenho experiências negativas para citar.

5- Como deve ser feita a avaliação? Quais os tipos de instrumentos você conhece que são utilizados para avaliar o desempenho escolar?

Podemos avaliar de forma contínua comportamentos, a maneira como se organiza o jeito de falar e de agir de cada indivíduo. Vários instrumentos de avaliação são provas, trabalhos e o desempenho dentro do ambiente escolar.

ALUNA E – 7 ° PERÍODO.

1- Qual a sua concepção sobre a Avaliação?

Avaliação é um processo que acontece para que o professor tenha uma noção dos conteúdos assimilados pelos alunos, ou seja, saber se eles entenderam os conteúdos.

2- Para que serve a Avaliação?

A avaliação serve para saber o rendimento escolar daquela instituição, e a aprendizagem de cada aluno.

3- Cite uma experiência pessoal positiva acerca da Avaliação?

Na avaliação da aprendizagem uma experiência positiva que tive foi em saber que a avaliação não é feita somente através de provas e sim, através de debates, brincadeiras e vários outros tipos, e sempre levando em consideração que a avaliação é contínua.

4- Cite uma experiência pessoal negativa acerca da Avaliação?

Na avaliação da aprendizagem uma experiência negativa que tive, foi em saber que a avaliação é ainda feita por provas, devido não acreditar que a prova pode medir a aprendizagem dos alunos, e também porque a maioria das vezes não me saí bem nas provas, e sim, outros tipos de avaliação, como seminários.

5- Como deve ser feita a Avaliação? Quais tipos de instrumentos você conhece que são utilizados para avaliação o desempenho escolar?

Avaliação deve ser feita de modo contínuo e levando em consideração se alguma criança tem deficiência na aprendizagem, e sempre dizem quais os critérios que irá conter a avaliação. Existem vários instrumentos para avaliar o desempenho escolar, com por exemplos: a mais conhecida é a formosa prova, mas existem oficinas pedagógicas, seminários, atividades descritivas, debates, sobre assuntos da atualidade, confecções com matérias recicláveis e vários outros.